

PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO ENTRE TER E HAVER NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel¹

Telmo de Maia Pimentel²

RESUMO - A comprovação de que a língua é um organismo vivo sujeito a variações e mudanças tem proporcionado a mais ampla difusão de análises na área da Linguística. A língua é um objeto social variável e passível de sistematização. Assim, neste trabalho apresentamos uma proposta didático pedagógica para o ensino da variação de *ter* e *haver* na educação básica. O objetivo é apresentar atividades que priorizem a formação de um estudante crítico que seja capaz de enxergar, mesmo em usos não padrão, a possibilidade de produzir sentidos em contextos variados da língua. Além disso, a sala de aula deve ser um laboratório de linguagem em que os próprios estudantes são os investigadores, com essa estratégia o ensino de gramática pode ser mais significativo.

Palavras-chave: Ensino; Ter e haver; Variação

ABSTRACT - The proof that language is a living organism subject to variations and changes has provided the widest dissemination of analyzes in the field of Linguistics. Language is a variable social object that can be systematized. Thus, in this work we present a didactic pedagogical proposal for teaching the variation of having and having in basic education. The objective is to present activities that prioritize the formation of a critical student who is able to see, even in non-standard uses, the possibility of producing meanings in different language contexts. In addition, the classroom should be a language laboratory in which the students themselves are the investigators, with this strategy teaching grammar can be more meaningful.

Keywords: Teaching; Have and have; Variation.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que as novas diretrizes do ensino da língua estão voltadas para a conscientização dos fenômenos de variação linguística, mas, muitas vezes é trabalhado, na escola, apenas uma forma de variação linguística. Assim, neste estudo apresentamos uma proposta didático pedagógica para o ensino da variação de *ter* e *haver* na educação básica.

A finalidade desta pesquisa é apresentar atividades que priorizem a formação de um estudante crítico que seja capaz de enxergar, mesmo em usos não padrão, a possibilidade de produzir sentidos em contextos variados da língua.

A língua é um objeto social variável e passível de sistematização. Nesse sentido, ao considerarmos o fator social como relevante para a variação, a Sociolinguística mostra que

¹ Graduada em Letras - UFMT (2008), Especialista em Ensino de Língua e Literatura – UFMT (2009), Mestranda em Linguística (PPSLI/UEG) e Professora da Rede Estadual de Ensino – SEDUC-MT – E-mail: kellycristhel@gmail.com

² Graduado em Letras UFMT (1998), Especialista em Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Prática Docente – UNIVAR (2001), Especialista em Docência no Ensino Superior (UNIVAR (2014), Mestre em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO 2010), Professor efetivo da rede pública estadual de educação de MT, bem como, professor do Centro Universitário do Araguaia – UNIVAR. E-mail : telmomaiapimentel@gmail.com

esse processo está correlacionado tanto a fatores linguísticos quanto a fatores extralinguísticos.

Além da questão da variação, é necessário que os professores se preocupem em trabalhar com temas como preconceito linguístico, mobilidade e estigma social. Neste artigo, focaremos no ensino da variação entre *ter* e *haver*. No entanto, não pretendemos esgotar as diversas abordagens sociolinguísticas que podem ser adotadas em sala de aula.

Quanto ao fenômeno de variação entre *ter* e *haver*, os fatores sociais revelam que, de uma década para a outra, a frequência de uso de *ter* em construções existenciais aumentou em todas as faixas etárias.

2. APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO E O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No Português do Brasil (PB) contemporâneo, a noção existencial anteriormente detida pelo verbo *haver* está se expandindo através de uma nova forma, o verbo *ter*, que tem se sobressaído principalmente na fala. Percebemos que essa expansão promove a equiparação desses verbos, tornando-os possíveis equivalentes no contexto das orações existenciais (SILVA, 2001; CALLOU; AVELAR, 2000; FRANCHI; VIOTTI, 1998).

Neste estudo, tomaremos como definição de construções existenciais a concepção de Callou e Avelar (2000, p. 86), de caráter

estrutural, para os quais, “trata-se de sentenças em que *ter* ou *haver* ocorre obrigatoriamente com um constituinte interno, e nunca com um constituinte sujeito de referência definida”, como é exemplificado pelos autores em (1) e (2).

- (1) **Tem** uma partezinha assim pra você botar o pé.
- (2) As vacas que **havia** eram quase todas subnutridas.

Os verbos *ter* e *haver*, são verbos de múltiplas funcionalidades, ora ocorrem como verbos plenos, ora como verbos auxiliares, ora com expressão de posse, etc. Franchi et.al (1998), assinala que os verbos *ter* e *haver* deveriam ser considerados como “operadores funcionais”. Para os autores, a extensão do conteúdo semântico desses verbos favorece o seu uso como verbos funcionais.

A distribuição dos verbos *ter* e *haver* nas construções existenciais do português brasileiro, mostra a predominância das construções com *ter* em relação a *haver* e *existir*. Franchi et. al (1998), em seu trabalho com dados do Projeto Nurc, de falantes cultos, mostra que 50,8% dos falantes usam o verbo *ter*, 25,87% preferem o uso de *existir* e 23,14%, usam *haver*.

Ao analisar a natureza variável dos verbos *ter* e *haver* na norma culta de Salvador, Dutra (2000) mostra que o verbo *ter* é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% das ocorrências do verbo *haver*. Além disso, esse estudo mostra que fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação, a saber,

animacidade do SN objeto, natureza concreta ou abstrata do objeto, modos e tempos verbais, posição do objeto, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária.

A variação de *ter* e *haver* existenciais é diametralmente oposta na língua falada e na língua escrita, como afirma Avelar (2005), de acordo com seu estudo o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que na escrita o percentual é de 14%. Por outro lado, o verbo *haver* ocorre com um percentual de 13% na língua falada e 86% na língua escrita. Isso se deve ao fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio e é proposta pela gramática tradicional como forma correta de escrever. Ao passo que o uso do verbo *ter* existencial em tal modalidade, justifica-se apenas pela necessidade de se inserir entre os textos escritos elementos comuns da oralidade. Assim, apesar de o verbo *ter* apresentar um percentual alto de uso na fala espontânea, na escrita, predomina o uso do *haver*, especialmente na escrita acadêmica, mais monitorada.

Como diz Vitório (2010, p. 55), “esses dados apenas refletem o conservadorismo a que tende a língua escrita, não mostrando, de fato, o que realmente acontece na língua falada, em que o verbo *ter*, vem se saindo vencedor”.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

A escola participa efetivamente na formação do indivíduo, no entanto, o ensino da língua materna é problemático visto que a norma padrão ensinada não é comum a todos. É necessário conferir a devida atenção à diversidade linguística no ensino, uma vez que a língua não é homogênea e estanque, ela é multiforme e está em constante transformação.

Ao refletirmos a respeito do ensino de língua portuguesa nas escolas, precisamos, em primeiro lugar, considerar qual a concepção de língua e de gramática tem sido adotada nestas aulas. Muitas vezes, é admitido a ideia de que língua é apenas um idioma servindo para se comunicar e a gramática é um conjunto de regras prescritas as quais precisamos decorar para aprender português.

Para tanto, faz-se necessário uma nova concepção de língua que seja diferente daquela que vigora no ensino tradicional. A concepção por nós defendida é a de língua enquanto atividade de interação social, uma entidade produtora de significados em diversos contextos comunicativos. Nesse sentido, o ensino deve ser promovido considerando as formas e as funções que a língua desempenha em cada situação de interação, conduzindo os estudantes a reflexões dos usos da linguagem.

Em segundo lugar, é imprescindível que as aulas de língua portuguesa sejam motivadoras e não limitem os estudantes a pensar a língua pelo viés do “certo e errado”, mas, “que se propicie uma reflexão sobre a funcionalidade

das escolhas que o falante faz e sobre os resultados de sentido que cada escolha desencadeia” (NEVES, 2002, p. 240). De acordo com Henriques (2009, p. 49)

O ensino de língua portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio para melhorar a qualidade da produção linguística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para que e como ensiná-la.

Nesse sentido, a escola não deve negligenciar o ensino da norma culta, mas “faz-se necessário, levar em conta também estruturas linguísticas emergentes, pois novos usos surgem para dar conta de necessidades comunicativas e cognitivas do falante” (CUNHA; SILVA, 2016 p. 90). Em outras palavras, os estudantes devem ter suas habilidades linguísticas ampliadas para que sejam capazes de se adequarem aos diversos contextos de usos da língua.

Além disso, há uma distinção que precisamos fazer, a de norma culta ideal e de norma culta real. Nas palavras de Antunes (2007, p. 92) “A norma ideal, como o próprio nome sugere, corresponde aquela norma concebida, pensada, prevista e proposta como a

norma representativa dos usos da língua considerados cultos”, sendo assim, essa norma se situa no âmbito da utopia, trata-se de uma língua em potencial, imaginária, distanciando da realidade da língua. “A norma culta real, no entanto, corresponde àqueles usos que são fato, ocorrência; isto é, aqueles que podem ser atestados como concretamente realizados [na língua]” (ANTUNES, 2007, p. 93). Pode-se dizer, então, que a norma culta real é flexível, passível de mudanças e variações, pois, corresponde a heterogeneidade linguística.

Em relação à inserção do tema da variação linguística em sala de aula, deve-se haver uma padronização nos conceitos de variação. Embora nos livros didáticos haja referência à variação, esse tópico parece ser inserido apenas para cumprir um requisito das Diretrizes Curriculares e não para promover uma reflexão mais profunda do tema.

Ao refletir sobre o espaço da variação em nossa sociedade, Bortoni-Ricardo (2005) apresenta um modelo de concepção da variação linguística, em relação ao ensino, que contempla três contínuos distintos: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística. Como propõe Bortoni-Ricardo e Freitas (2009, p. 4)

O que a Sociolinguística faz é buscar respostas para questões educacionais dentro do universo da escola. Com isso, ela envolve-se em temas consideravelmente mais amplos que se inserem no contexto social maior, conciliando os aspectos micro e macro

do processo. E é para esse contexto que a escola deve preparar o indivíduo.

Nesse sentido, é indispensável para o ensino, despertar no estudante a consciência acerca da variação linguística para que eles diferenciem as variedades que são faladas em casa, por exemplo, daquelas que são ensinadas na escola. É por esse motivo que na escola os estudantes devem ter suas capacidades comunicativas ampliadas, para se servirem dos recursos da língua de forma satisfatória.

Isto posto, estamos de forma incisiva concebendo a variação linguística como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor de verdade” (COELHO et al., 2010). Nesse sentido, a variação é uma propriedade inerente ao sistema, e o falante tem competência para lidar com regras que são variáveis. É sob esse olhar que o ensino de variação deve ser concebido nas escolas.

Os estudantes devem entender que não existe comunidade de fala homogênea ou falante-ouvinte ideal. Cada falante se expressa de um modo diferente a fim de atender determinado objetivo. Além disso, não há na língua formas variáveis melhores ou piores, cada variante possui um significado social e atende à um objetivo.

3. METODOLOGIA

3.1 PROPOSTA DE ATIVIDADE

As atividades descritas a seguir, possui como objetivo propor um novo olhar sobre o ensino de variação, especialmente a variação de ter e haver. Cumpre enfatizar que o professor, deve levar os discentes a assumirem uma maior espontaneidade e liberdade possível para responder ao que for pedido, ativando seus conhecimentos gramaticais naturais. As propostas são para o 9º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que essa proposta não é estanque e é passível de adaptações a depender do contexto de cada sala de aula.

Atividade I

tem uma história engraçada... minha falta de atenção... minha atenção é bem baixa... uma vez eu conheci três rapazes... um que morava perto da minha casa... um que era amigo da minha prima... e um que estudava na minha escola... aí com o passar do tempo eu olhei o rapaz na minha escola de novo... aí eu liguei... uai... esse aí é o amigo da minha prima... ((risos)) aí o outro primo meu que era amigo desse rapaz... tava ino embora... eu vim embora com ele... de repente... o rapaz entrou na casa... que era perto da minha... aí eu juntei né... uai... essas três pessoas são a mesma?... até hoje eu não acredito que eu conheci três pessoas e as três eram uma só...((risos))... até hoje... não foi engraçada mas é a que eu lembrei agora...

Fonte: Dados de fala do corpus Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF).

- a) Esse texto é uma transcrição de fala. Identifique no texto fragmentos que sejam comuns na oralidade.
- b) Altere os fragmentos, passando ao uso padrão e responda: o texto mantém o mesmo sentido ou efeito? Justifique.

Atividade 2



Fonte:

<http://evandrooliveira.pro.br/wp/2020/02/03/nao-ha-vagas-ainda-mais-depois-dos-60/>

- Você concorda com a crítica que é feita na charge? Explique.
- Se a palavra “há” fosse substituída pela palavra “tem”, mudaria o efeito de sentido do anúncio de vagas?

3.1.3 Atividade 3



Fonte:

<https://www.guiame.com.br/nova-geracao/charges/charge-tem-agua.html>

- Você acha que se a palavra “tem” fosse substituída pela palavra “há”, a charge transmitiria o mesmo efeito de sentido?
- Qual o significado social e cultural que a charge nos transmite?

3.1.4 Atividade 4

Considere as seguintes construções:

- Véi, tu tá a fim de tomar um Teras aqui casa mais tarde?
- Convidamos o Sr. Otaciano Souza para comparecer a um de nossos escritórios nesta cidade a fim de solucionarmos esta pendência o quanto antes.

- Quais são as diferenças visíveis entre as orações?
- Você consegue atribuir sentido à ambas as frases?
- Em quais situações comunicativas essas orações poderiam ser usadas?

Considere, agora, mais essas duas construções

- Os senhores queiram, por gentileza, entregar-me os documentos solicitados.
- Vamo me dando essa papelada, gente, por favor.

- Podemos dizer que essas orações são equivalentes, ou seja, elas servem para comunicar o mesmo conteúdo informacional? Explique.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

As atividades propostas são experimentais e tem o propósito de ampliar a visão dos estudantes a respeito da variação linguística, por meio da prática. Além disso, essas atividades podem ajudar os educandos a

olharem para a variação linguística de uma perspectiva diferente, considerando a heterogeneidade da língua e os significados sociais que são inerentes às variantes. Certamente, a discussão desse tema é ampla e pode ser elaborado inúmeras atividades que contemplem o fenômeno.

Na 1ª atividade, o objetivo é promover uma reflexão a respeito da diferença entre a oralidade e a escrita. Mostrando que a mesma informação pode ser dita de formas diferentes dependendo do contexto e da necessidade comunicativa.

Na 2ª e 3ª atividade, objetivamos provocar uma reflexão a respeito do fenômeno de ter e haver e o efeito de sentido que a troca de um pelo outro pode causar, dependendo da situação. Neste sentido, podemos perceber que na modalidade escrita o verbo haver é mais recorrente e mais formal, enquanto que na modalidade oral, o verbo ter é mais típico e menos formal.

Na atividade 4, apresentamos questões mais gerais que representam uma forma de variação linguística. Nesta atividade, os estudantes poderão refletir a respeito da importância da variação na oralidade e na escrita. Por fim, ressalto que ao realizar a proposta de atividade os estudantes poderão construir um conceito mais amplo a respeito da variação.

Considerando os contínuos de variação, sabe-se que as variações não se distribuem de

forma binária, assim, por meio dessas atividades, pretende-se ajudar os aprendizes a olhar para a língua numa perspectiva mais socio interacional e que eles possam entender os contextos em que são mais produtivos o uso de uma ou outra variante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que estamos defendendo neste estudo que as pesquisas linguísticas devem chegar à sala de aula e se tornar instrumento de afirmação social e acesso à cidadania para os alunos que lá estão. As considerações propostas aqui, não ignora que há variantes de prestígio utilizadas em determinados contextos; no entanto, não pretendemos trabalhar com a imposição nociva de um determinado padrão, negando a existência de variantes que pertencem ao universo do estudante.

Vale ressaltar que o professor de língua portuguesa não precisa se valer de um único aporte teórico como recurso para suas aulas. O trabalho com a língua em sala de aula só tende a se consolidar com a utilização de diferentes quadros teóricos.

Em consonância com Vieira e Durval (2018, p. 12),

Entendemos ser necessário e urgente o desenvolvimento de atividades que focalizem o componente linguístico sem perder de vista, em uma abordagem reflexiva, sua sistematicidade e sua variabilidade, e integrando-o à produção de

sentidos no plano textual, sempre que possível.

Nesse sentido, é preciso mais do que compreender que a variação existe no cotidiano da língua, mas, considerar a variação que ocorre até mesmo no ambiente escolar para que o estudante se familiarize com elementos que se aproxime de sua realidade.

Além disso, o professor deve conhecer a realidade sociolinguística de sua sala de aula, “enfazando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades e combatendo preconceitos entre os próprios alunos” (COELHO et al., 2010). A sala de aula deve ser um laboratório de linguagem em que os próprios estudantes são os investigadores, com essa estratégia o ensino de gramática pode ser mais significativo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, J. **Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro.** 2005. Disponível em: http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALLOU, D.; AVELAR, J. **Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil.** Gragoatá. Niterói, n.9, p. 85-100, 2000.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; SILVA, Maria Aparecida. **A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino.** IN. CUNHA, Maria Angélica Furtado; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática.** Natal: EDUFRN, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática escolar no contexto do uso linguístico.** Belo Horizonte: Rev. Est. Ling, v.10, n. 2, p.233-253, jul./dez. 2002.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. **Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver.** Revista D.E.L.T.A., São Paulo, vol. 14, nº especial, 1998.

FREITAS, C. J. M. **As belezas da cidade.** Itumbiara: Moderna, 2018.

MATOS, G. R. A. **Impacto de uma imersão em língua inglesa na proficiência oral de professores em formação.** Morrinhos: Acadêmica, 2019.

SILVA, L. J. C. **Percorrendo as estradas do sul goiano.** 2018. Disponível em: <http://caldas.net.br>.

VIEIRA, Silvia Rodrigues e DURVAL, Luiz Felipe da Silva. **O tratamento do componente gramatical nos cadernos pedagógicos da rede municipal de ensino breve diagnose.** IN. VIEIRA, Silvia Rodrigues. Org. Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas. São Paulo: Blucher, 2018.